

SOLOMBRA: DA SOMBRA À CLARIDADE

Delvanir LOPES¹

RESUMO: *Solombra*, último livro publicado em vida por Cecília Meireles, é obra ainda pouco estudada pela crítica. Embora trate de temas já caros à autora: estar-no-mundo, efemeridade, ser-para-a-morte e angústia diante da vida, *Solombra* apresenta tais temas com um tratamento diferenciado, mais filosófico e hermético. Por isso, a leitura que propomos da obra utiliza como apoio principal algumas das considerações da filosofia da existência de Martin Heidegger que, a nosso ver, se aproximam e auxiliam no clareamento dos enigmas de *Solombra*. A intenção primeira é fazer um estudo literário, e o suporte reflexivo do existencialismo é útil para ampliar o horizonte do leitor e as possibilidades de compreensão. Esse artigo pretende tratar *Solombra* como uma obra voltada à claridade e transcendência e não à sombra e melancolia. Como se trata de um projeto em andamento, apresentamos os resultados dos primeiros capítulos.

Palavras-chave: poesia, existência, morte, transcendência

RESUMEN: *Solombra*, último libro publicado en vida por Cecília Meireles, es obra aún poco estudiada por la crítica. No obstante trate de temas muy caros a autora: estar-en-el-mundo, brevedad, ser-para-la-muerte y angustia delante de la vida, *Solombra* presenta estos temas con un tratamiento diferenciado, más filosófico y hermético. Así la lectura que proponemos de la obra utiliza como apoyo principal algunas de las consideraciones de la filosofía de la existencia de Martin Heidegger que se acercan y auxilian en la clarificación de los enigmas de *Solombra*. La intención primera es hacer un estudio literario, y el soporte reflexivo del existencialismo es útil para ampliar el horizonte del lector y las posibilidades de comprensión. Este artículo pretende tratar *Solombra* como una obra que se vuelve a la claridad y transcendencia y no a la sombra y melancolía. Como se trata de un proyecto en andamento, presentamos los resultados de los primeros capítulos.

Palabras-clave: poesía, existencia, muerte, transcendencia

1. Introdução

(...) Tenho pena de ver uma palavra que morre. Me dá logo vontade de pô-la viva de novo. *Solombra*, meu novo livro, é uma palavra que encontrei por acaso e que é o nome antigo de sombra. Era o título que eu buscava e a palavra viveu de novo. (Boberg, 1989, p.210)

Solombra, apesar das palavras da poetisa Cecília Meireles afirmarem que o termo se refere à sombra, não é uma obra voltada exclusivamente a esse tema. Sol-ombra, ao invés disso, apresenta, de modo enigmático, a dualidade que permeará o livro. Misteriosa e clara sempre, *Solombra*, enquanto é instrumento de revelação, não se mostra completamente. Às vezes nos dá uma clareira, nos permite um foco de luz em meio à escuridão. E quando

¹ Doutorando em Letras, UNESP - Univ Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de Literatura (Bolsista FAPESP)

pensamos que estamos diante do conhecido, se mostra novamente enigmática e nos obscurece o pensamento.

Na verdade, poucas obras, como a de Cecília, podem ser consideradas como um claro enigma. A autora dá a impressão de explicar tudo, desfazendo os emaranhados, mas a música de seus versos tende para o translúcido que dissolve a nitidez dos contornos sugeridos pelas palavras dispostas em metros diversos e também em versos livres, como o uso de rimas toantes, consoantes, sem amarras, “libérrima” e exata, como disse Manuel Bandeira. (Amâncio, 2001, D1)

A escritora nos adverte que encontrou o termo *solombra* ao acaso e que se tratava de um antigo nome de sombra. Trouxe-o de novo à vida, livrou-o da masmorra, descobriu-o. O termo escolhido “ao acaso” é perfeito: expressa o binômio da ausência/ presença, carrega em si a ambigüidade e por si só já nos lança em uma série de conjecturas, além do que se alia ao jogo paradoxal de *Solombra*: sombra e claridade.

Ao aceno de Cecília Meireles a palavra se move e posta-se no frontispício do seu mais recente livro (último) de poesias, a ele se incorporando de tal modo que se torna ela própria um antecipador e definitivo poema de estranha beleza: SOLOMBRA – Sombra. Sombra só? Sol e Sombra? Sol em sombra? Em torno dela multiplicam-se as conotações que se gravam em nós, em som, forma, côr e sugestão e também em signos que temos de decifrar continuamente pois são símbolos de interrogações, especulações transcendentais. (Andrade *apud* Mendes, 1968, paginação irregular)

A aventura de estar em contato com o jogo luz/ sombra é o que intriga e o que alimenta o leitor. A sombra e a luminosidade que o jogo de palavras cecilianas propõe levam à análise do interior humano: que também é ambíguo e desconhecido. E entrar em si é arriscar-se no ignorado, em que lampejos de luz surgem repentinamente e logo em seguida desaparecem, engolidos pelas sombras. Assim trabalha nosso pensamento. Vamos da sombra à luz (ou vice-versa) e novamente à sombra, e novamente à luz, incessantemente. Estar num momento específico implica, necessariamente, no não-estar em outro, ainda que eles se completem e não se excluam.

Sobre um passo de luz outro passo de sombra.
Era belo não vir, ter chegado era belo.
E ainda é belo sentir a formação da ausência. (Meireles, 1987, p. 717)

Isso remete aos limites que cercam o ser humano o tempo todo: “Em face da sua imagem ou da sua sombra, o homem realiza um dia o encontro decisivo com os seus limites.” (Lourenço, 1974, p. 31) O limite da sombra é a luz e o contrário também é verdadeiro, o que pode ser ampliado na afirmação de que esses dois momentos estão intimamente unidos, coexistindo latentes um dentro do outro.

Ser/ não ser são dois lados da mesma moeda, que não pode ser completa se lhe faltar um dos lados. O mesmo com a luz, que deixa de ser luz se não houver a sua negação: a não-luz. Na epígrafe de *Solombra*, Cecília deixa transparecer a dualidade que permeará o livro, quando duas vozes combatem, uma no céu (que relacionamos à transcendência possibilitada pelo fazer poético) e outra na terra (que relacionamos ao estar-no-mundo, ao uso das coisas, à existência breve). Combatem, mas dizem juntos *Solombra*:

Levantei os olhos para ver quem falara. Mas
Apenas ouvi as vozes combaterem. E vi que era
No Céu e na Terra. E disseram-me: Solombra. (Meireles, 1987, p. 708)

Ayala salienta a dualidade de *Solombra*: “O mistério todo está nisto. Este momento da emoção em que há claridade, mas tudo envolto na penugem da noite – a vida se recolhendo, se revisando”(1964, p.20). A partir do título da obra a crítica se divide: a grande maioria acredita que *Solombra* é mais um livro que traz em si a carga de melancolia e tristeza constantes em toda a obra cecilianiana; para outros, dentre os quais nos incluímos, não se tratará de um livro voltado *apenas* à sombra e à morte. No nosso entender, Cecília Meireles não se volta exclusivamente a esses temas em suas obras de uma forma finalista e enfadonha, mas utiliza-se de tais recursos para demonstrar a possibilidade de um devir, de uma transformação. A intenção é entender os mistérios:

Dizer com claridade o que existe em segredo. (Meireles, 1987, p. 710)

Ainda que Cecília não seja explicitamente ‘luminosa’ em suas poesias, essa claridade transparece de forma contundente em *Solombra*. Nesse sentido, o caminho traçado é o mesmo que salientamos na dissertação de Mestrado ao discorrer sobre a obra *Metal Rosicler*:

O metal rosicler tem cor de crepúsculo. A cor negra da noite que começa sucede o crepúsculo, a madrugada que finda antecede o nascer do sol. Ambiguidade do lusco-fusco que é sempre prenúncio de algo, passagem que

inicia alguma coisa, ciclos de luz e treva que se repetem. O momento do crepúsculo é o da luz manifestando-se em matizes diferentes, tornando tudo como que “ensanguentado”, mudando a paisagem, como que se preparando ou despedindo-se de algo. Crepúsculo da vida que se vai, prenúncio da vida que se anuncia, o crepúsculo é sempre transição, como a existência que sempre está contrapondo tempo e eternidade, morte e vida, angústia e transcendência, ser e não-ser, mudar ou permanecer. (Lopes, 2001, p. 211)

Demonstrar de que forma se dá o movimento das sombras para a luz é um dos intuitos da tese de doutorado e desse artigo. A fim de alcançarmos o escopo a que nos propomos percorreremos os poemas de *Solombra* tendo como instrumento de leitura a filosofia de Heidegger, sobretudo em alguns temas que são comuns entre o pensador alemão e a escritora brasileira: *Dasein*, a antítese entre vida e morte, o eterno e transcendental em oposição ao material e fugaz (a temporalidade), a angústia como elemento que movimenta o ser rumo ao absoluto, a morte como possibilidade sempre presente ao existir, *poiesis* e a possibilidade de transcendência entre outros.

2. A filosofia

O trabalho da poetisa é com a palavra. É a própria Cecília quem, em entrevista a Waldir Ayala, afirma: “Parece que os poemas são apenas o resultado de um diálogo do espírito com o mundo. Do meu espírito ou do Espírito (...) De permeio está, naturalmente a palavra, por ser a forma de expressão literária.” (1958, não paginado) A autora coloca a palavra como sendo o instrumento que permite a comunicação entre os mundos e o poeta como aquele que trava uma relação diferenciada com ela, possibilitando a manifestação do ser:

Através da poesia e da palavra, o ser profundo dos entes nomeados se exprime, dando espaço a que a *poiên* da Natureza se revele. Na medida em que a “vocação do ser é aparecer”, a Natureza, na sua potência de desvelamento, tem no homem - o poeta - o vínculo para se manifestar. (Mello, 2002, p. 239)

Como afirmamos, o estudo analítico de *Solombra* será amparado pela filosofia da existência e pelos conceitos de Martin Heidegger (1888-1976), filósofo alemão contemporâneo da escritora. Aproveitamos para esclarecer alguns pontos acerca do movimento e do pensador, de forma sucinta, a fim de situarmos melhor os leitores na chave de estudo dos poemas.

O movimento denominado Existencialista, por motivos cronológicos e de didatismo, é

aquele encontrado em escritores dos séculos XIX e XX, como Jean Paul Sartre, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, entre outros. Contudo, o pensamento sobre a existência não é privilégio desses filósofos, remontando a fontes como Sócrates, Kierkegaard e Edmund Husserl.

Este modo de pensar procurou enfatizar, sobretudo, a problemática do existir, ressaltando os sentimentos de angústia, de “naufrágio”, do nada, da náusea em oposição às especulações de cunho meramente metafísicos sobre as essências de Deus, do homem e da natureza.

O movimento existencialista propagou-se na Europa logo após a primeira Grande Guerra e perdurou até as duas décadas seguintes à segunda Guerra Mundial. O homem passa a ser considerado em sua finitude e singularidade, como ser “jogado” no mundo e cercado por situações problemáticas e absurdas nas quais não sabe como conviver. A experiência humana passa a ser o foco de atenção dos pensadores desse período; o “concreto” toma o lugar do nocional.

O existencialismo mostra a liberdade ao alcance de todos, presente no cotidiano. E a liberdade permite ao homem construir o seu caminho, fazer suas escolhas e ser o único responsável por elas. Não é considerado uma “doutrina”, mas uma espécie de atitude filosófica diante da realidade concreta.

Como substrato ideológico, o existencialismo ajudou a construir o pensamento do século XX. Penetrou desse modo, inevitavelmente, na literatura, onde deixou muitas marcas, inclusive na filosofia da linguagem. O filósofo Martin Heidegger, cujas idéias nos amparam neste estudo, escreveu obras como *A origem da obra de arte* (1935), *Hölderlin e a essência da poesia* (1937) e *A caminho da linguagem* (1969), dando margem para a relação entre a filosofia e a poesia.

O problema fundamental de *Ser e Tempo* (1927), primeira obra de Heidegger, é o ser, a busca pelo seu sentido e sua verdade, utilizando para isso do método fenomenológico. Partindo de considerações acerca do ser, o pensador chega ao homem, que é a quem o ser se dá a conhecer. Assim, o caminho para chegar ao ser passa pelo homem, necessariamente. O homem é chamado de *Dasein* (ser-aí, ser-em-situação). Em *Ser e Tempo*, Heidegger dedica-se à descrição da vida cotidiana, entendida por ele como sendo *inautêntica*. Quando o homem se *apropriar* das coisas e compreendê-las como instrumentos que possibilitam a transcendência, passará a ter uma vida *autêntica*. Ou seja, a transcendência não implica fuga do mundo, mas acontece estando nele e convivendo com os outros.

Para atingir a totalidade do ser, portanto, o *Dasein* experimenta a *angústia*, sentimento que o leva a escolher entre a vida autêntica ou inautêntica. A existência do *Dasein* é definida como antecipação das suas possibilidades, entre elas a morte, e nesse sentido o homem é sempre futuro. A morte é possibilidade presente a todo instante, à qual o *Dasein* ao nascer já está projetado.

Obras da chamada “segunda fase” heideggeriana apontam para um caminho diferente do delineado em *Ser e Tempo*: a porta de entrada para o ser não é mais a existência humana, mas o fazer poético. A poesia proporciona a epifania do ser, clarificando-o. Na verdade, o desvelamento é obra do próprio ser, e isso só é possível pela poesia.

Em *Solombra*, obra escolhida para análise, também encontramos temas voltados à existência humana, ao homem preso à evanescência do tempo, ao ser angustiado diante da morte e às interrogações sobre os porquês do existir. Em *O mundo contemplado*, obra de 1967, Darcy Damasceno já constatava de certo modo, a tendência mais “reflexiva” de *Solombra*:

Em mais de um momento aponte a evolução do pensamento de Cecília Meireles para o campo crítico em virtude de certas constatações na consideração do mundo: a fluência e a ação deletéria do tempo, a insegurança do ser humano, a ineficácia da palavra como instrumento de comunicação. Via-se, em tal evolução, que as vivências tendiam, ao se concretizarem no poema, à desvinculação do sensível e à fixação no terreno intelectual. A abstração da linguagem, a expressão dubitativa, a insistência da indagação marcavam, por outro lado, o profundo cepticismo da poesia ceciliana. (Damasceno, 1967, p. 137)

O *esforço cognitivo* está em *Solombra*, que a maioria das vezes relaciona-se aos questionamentos que o eu-lírico lança ao estar-no-mundo, buscando respostas que possam esclarecer o mistério que envolve a existência:

Que lírico arquiteto arma longos compassos
para a curva celeste a que os homens se negam? [...]

Quem fostes vós? Quem sois? Quem vimos, nos lugares
da vossa antiga sombra? E por quem procuramos?
Que pretendem concluir impossíveis diálogos? (Meireles, 1987, p. 719)

Muitas das constatações e dos questionamentos colocados pelo eu-lírico são mais bem *iluminados* pelo pensamento heideggeriano. Não se trata de transpor conceitos existenciais para a poesia, basta clareá-los. “A poesia é um centauro. A faculdade intelectual e aclareadora

que articula palavras devem movimentar-se e saltar juntamente com as faculdades energéticas, sensitivas, musicais.” (Pound, 1988, p. 70)

Por fim, é importante salientar que a busca primeira, no confronto entre a filosofia de Martin Heidegger e a poesia de Cecília Meireles, é apresentar uma nova possibilidade de leitura dos poemas cecilianos. O existencialismo é apenas um ideário no qual buscaremos auxílio para a decifração dos profundos estados de alma que Cecília nos apresenta em *Solombra*, como instrumental para que a compreendamos melhor. A intenção é mostrar a possibilidade de comunicação entre esses dois parâmetros, a filosofia e a poesia, e o aprendizado que ambos podem ter com essa relação. Sobretudo, trata-se de um trabalho voltado à Literatura Brasileira, em que a filosofia existencial entra como iluminadora.

3. *Solombra*

Solombra é um livro formado por 28 poemas sem título, todos dispostos sem restrição em quatro tercetos, a maioria alexandrinos, musicais, que sempre se concluem com um verso isolado, geralmente eneassílabo, tipo de estrutura poética parecida com a *terza-rima*². São versos livres, modernos. No estudo, que está em desenvolvimento, de *Solombra*, dois momentos são bem definidos, embora se mesquem o tempo todo, utilizando-nos da possibilidade dual que o título da obra permite. No primeiro momento, a leitura de *Solombra* será voltada à “sombra”, em que salientaremos os temas mais relacionados ao existir, validados pela conceituação heideggeriana do *Dasein*, da temporalidade e da morte.

Falo de ti como se um morto apaixonado
Falasse ainda em seu amor, sobre a fronteira
Onde as coroas desta vida se desmontam. (Meireles, 1987, p. 713)

O eu-lírico da obra ceciliana se dirige a um Outro. A crítica procura explicar o Outro, o Tu, de diferentes formas. Para uns, o Outro pode se situar no plano do sagrado, transcendental, pode corresponder à memória ou à ausência de um ser ansiosamente procurado. Para nós, que consideramos o eu-lírico o *Dasein*, porque é o ente privilegiado que pode questionar e ter uma relação direta com o ser, o Outro é o próprio ser, embora não possamos, ao menos por enquanto, identificá-lo a Deus. Constatamos, contudo, que há uma

² “A *terza-rima* (ou tercetos): número variado de tercetos, tendo ao final um verso isolado, que forma um como “fecho de ouro”, em que o segundo verso de cada estrofe rima com o primeiro e o terceiro da seguinte” (Moisés, 2001, p. 260)

atração do ente pelo Ser, que procura saber o seu sentido e a sua verdade, razão por que sempre questiona.

Além dos campos semânticos voltados à noite, ao escuro, à melancolia, salientamos que todas estas instâncias são consideradas como passos para a claridade e não um fim em si mesmas, dissonando da crítica ceciliana, quase geral, que as amplia em detrimento da esperança e transcendência. A leitura de Cecília Meireles, apesar de parecer extremamente clara e auto-explicativa, não traz um único viés hermenêutico, mas tem a riqueza de várias possibilidades de leitura. Nesse sentido, aproveitamos para deixar de lado essa “verdade” aceita sobre a autora.

Na segunda etapa a proposta é encontrar na obra ceciliana a claridade e o desvelamento, desenvolvendo o estudo sobre a *poiesis*, a *aletheia* e a possibilidade de transcendência do ser. Não é oposição ao primeiro capítulo, mas um acréscimo, o que deixaremos claro nas incursões feitas pelos poemas cecilianos de *Solombra*. O direcionamento do eu-lírico ao futuro, amparado pelo sentimento de esperança, a aceitação da morte, a busca pela solução aos questionamentos diante do estar-no-mundo e a poesia como possibilidade de diálogo com o transcendente, passam a ser considerados aspectos que também nutrem *Solombra*.

Como o intuito desse artigo é descrever o processo de pesquisa e de escrita da tese, nos deteremos apenas na primeira parte, que é onde nos encontramos.

3.1. *Solombra* – da sombra à claridade

Solombra reveste-se de uma aura de negrume, de escuridão, de ausência, embora em alguns momentos, ainda que mais timidamente – nem por isso menos importante -, revele um lado mais claro, luminoso e desvelador. Os dois momentos estão intimamente ligados e um acaba levando ao outro, reciprocamente.

O caminho em *Solombra*, que vai da sombra à claridade, passará pela conceituação do homem (*Dasein*), pela temporalidade (que situa o *Dasein* no tempo e no espaço) e pela morte (que é trampolim para a claridade, transcendência do ser). Os estudiosos cecilianos, em sua grande maioria, consideram *Solombra* uma obra melancólica: Em versos como os abaixo é possível entender o porquê:

Quero uma solidão, quero um silêncio,
Uma noite de abismo e a alma inconsútil,
Para esquecer que vivo – libertar-me (Meireles, 1987, p. 710)

Ou:

Fala impossível. Que conversam, na onda insone,
As formações de prata e sal que o oceano tece?
Que comunicam, seiva a seiva, as primaveras?

Palavras gastas de Morte e amor. (Maireles, 1987, p. 715)

Mas as palavras dizem mais do que a aparência delas. Isso é o que faz de cada uma um símbolo. Mallarmé disse a Jules Huret “Onde há símbolo, há criação” (Balakian, 1985, p. 68) e deixou claro que é preciso libertar a palavra, evocando as associações que ela permite pouco a pouco, decodificando-as, indo além do óbvio. *Solombra* pede o desprendimento das conceituações tradicionalmente aceitas e exige do leitor um pouco mais: deixar os ouvidos atentos quando as *vozes combaterem*. E as vozes, do céu (sol) e terra (sombra) combatem desde a epígrafe do livro, que nos fornece mais algumas informações sobre o caráter dual de *Solombra*:

Levantei os olhos pra ver quem falara. Mas
apenas ouvi as vozes combaterem. E vi que era
no Céu e na Terra. E disseram-me: Solombra. (Maireles, 1987, p.708)

As palavras da epígrafe deixam pistas sobre os versos da obra, que não terá apenas uma voz, a da escuridão, mas se aliará à outra, da luz, para dizerem juntas: solombra. Isto para salientar o caráter dual – morte e vida, sol e sombra, céu e terra – que atravessa os poemas.

Sabemos, apesar disso, da força que tem a simbologia da noite e da escuridão na obra de Cecília Maireles e como as imagens da claridade são mais sutis e difíceis de serem encontradas. Mas elas estão lá e, nesse sentido, a filosofia de Heidegger é importante instrumento de descoberta. O que propomos é demonstrar que a sombra não é um fim, mas uma instância que possibilita ao ser a transcendência. Versos como estes abaixo já nos levariam, ao menos, a considerar essas proposições:

[Quero] quebrar limites, extinguir murmúrios,
deixar cair as frívolas colunas
de alegorias vagamente erguidas. (Maireles, 1987, p. 710)

O gosto da Beleza em meu lábio descansa:
breve pólen que um vento próximo procura,

bravo mar de vitória – ah, mas istmos de sal! (Meireles, 1987, p. 712)

A existência comporta a ambivalência. O ser tem duas opções a cada instante; fica dividido entre dedicar-se às *coisas do mundo* e esquecer as transcendentais ou pode optar pelo contrário. Por isso o eu-lírico de *Solombra* é fragmentado, no limiar e, mesmo vivendo na escuridão, almeja a luminosidade:

Quero a insônia, uma vigília, uma clarividência
deste instante que habito – ai, meu domínio triste! (Meireles, 1987, p. 711)

Caminho pelo acaso dos meus muros
buscando a explicação dos meus segredos. (Meireles, 1987, p. 711)

O *Dasein* está inseguro precisa aprender a viver em um mundo que não escolheu, mas no qual foi *jogado* e por isso está inseguro:

Causalidade humana obscura e incerta...
Quem fomos? Quem seríamos? Quem somos
se o canto nos envolve e rasga o tempo. (Meireles, 1987, p.718)

Solombra ainda trabalha com a temporalidade. O tempo passa apressadamente, flui incessantemente e conduz o *Dasein* à morte, que o totaliza. O estar-em-projeto, que é a existência, permite ao eu-lírico compreender o seu passado e a viver intensamente o seu presente. O tempo não é para ser visto como exercício constante da dor da ausência do que se perdeu ou como melancólica lembrança do passado que não volta mais, mas sim como instância que o eu-lírico aceita e com a qual aprende.

Como trabalha o tempo elaborando o quartzo,
tecendo na água e no ar anêmonas, cometas,
um pensamento gira e inferno e céu modela. [...]

Levemente sustenta a grácil estrutura
da verdade que o anima. e a cada instante sofre
de sabe-se tão tênue e tão perto da ruína. (Meireles, 1987, pp. 713-714)

Do mesmo modo deve ser compreendida a morte na obra cecilianiana. Morrer faz parte da existência, que quando começa já está atirada na certeza do fim, que a cada instante se aproxima mais e mais.

O ser para a possibilidade enquanto ser-para-a-morte, no entanto, deve se relacionar *com a morte* de tal modo que ela se desentranhe nesse ser e para ele como possibilidade. Aprendemos, terminologicamente, esse ser para a possibilidade como *antecipação da possibilidade*. [...] *Como possibilidade a proximidade mais próxima do ser-para-a-morte se acha, face ao real, ao distante quanto possível*. Quanto mais se compreender e desentranhar essa possibilidade, tanto mais puramente a compreensão penetra na possibilidade como a *possibilidade da impossibilidade da existência*. (HEIDEGGER, 2002, p. 45-46, grifos do autor)

Ao mesmo tempo que indica o fim, a morte possibilita o recomeço. O eu-lírico que aceita a morte como fazendo parte de seu ser, está preparado para transcender, alcançar outro nascimento:

Ó luz da noite, descobrindo a cor submersa
Pelos caminhos onde o espaço é humano e obscuro,
E a vida um sonho de futuros nascimentos. (Meireles, 1987, p. 715)

4. Considerações finais

Por tratar-se de um artigo que não é conclusivo e refere-se ao andamento das pesquisas e desenvolvimento da tese, as considerações também são incipientes. Acreditamos, contudo, que os resultados alcançados até o momento, em que trabalhamos com a primeira parte da tese, desenvolvendo os filosofemas *Dasein*, temporalidade e morte, demonstram a pertinência da filosofia existencial na leitura dos poemas de *Solombra*. Já havíamos desenvolvido estudo semelhante na dissertação de mestrado, trabalhando com *Metal Rosicler* e *Solombra* comprova mais uma vez essa possibilidade.

Na análise dos poemas confirma-se a ambigüidade da obra cecilianiana, mostrando uma poesia voltada ao enigmático e a busca de respostas para tais mistérios. O *Dasein* questiona o mundo, não apenas o contempla à distância ou lamenta o tempo pretérito, mas almeja o futuro, revelando esperança e desejo de quebrar barreiras, muros e decifrar enigmas constantemente propostos pela existência.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, M. Cecília Meireles: um claro enigma. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 24 Jun. 2001, Caderno 2 – Cultura, pp. D1 e D5.

AYALA, W. *Solombra*: um livro de magia. **Leitura**. Rio de Janeiro, n 18, Jan. de 1964, p. 20. Resenha de livros.

_____. A véspera do livro: Obra poética de Cecília Meireles. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 Novembro de 1958. Suplemento dominical. Não paginado.

BALAKIAN, A. **O simbolismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

BOBERG, T.R. **O canto e a lida** – percurso esotérico e místico da poesia de Fernando Pessoa e Cecília Meireles. Dissertação (Mestrado), UNESP/ FCLAssis, 1989.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. (v. 2).

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Editora Europa, Março 2002, 1 CD-ROM.

LOPES, D. **A poética de Cecília Meireles e a relação com a filosofia da existência** – ou da angústia e transcendência em *Metal Rosicler*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), UNESP- FCLAr, 2004.

LOURENÇO, E. Esfinge ou a poesia. In. **Tempo e Poesia**, Porto: Editorial Inova, n. 20, Dez 1974.

MEIRELES, C. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

_____. **Solombra**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1963.

MELLO, Ana M. L. Viagem aos confins da noite: *Solombra*. In. **Poesia e Imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MENDES, C. A metáfora e Cecília Meireles (estudo crítico de Solombra). In. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro: Faculdade de Direito de Petrópolis, Agosto de 1968. Paginação irregular.

MOISÉS, M. **A criação literária – poesia**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

POUND, E. Emoção e Poesia. In: **A arte da poesia – ensaios escolhidos**. São Paulo: Cultrix, 1988.